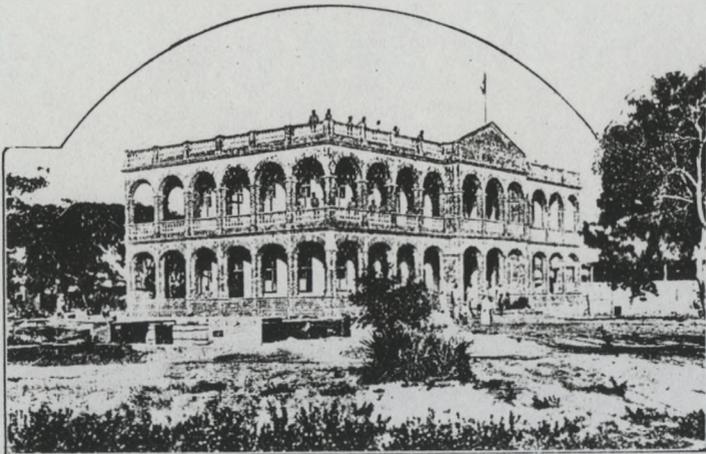


do as esperanças dos missionarios, foram admitidos mais alguns rapazes e contractados mestres para as officinas de alfaiataria e carpintaria.



2 — Escola d'Artes e Officios

Hoje conta a escola para cima de 50 alumnos e são verdadeiramente consoladores os progressos que se tem realisado, havendo grande movimento de trabalho sobretudo nas officinas de sapataria e alfaiataria, para que todos mais ou menos mostram invejaveis aptidões. Conjunctamente são-lhes subministradas aulas de ler, escrever e catecismo, cuidando-se actualmente de levantar duas novas officinas, de typographia e encadernação, para as quaes já ha machinas e os materiaes mais indispensaveis. Confesso francamente que me encantaram os progressos feitos pela Escola d'Artes e Officios da Beira, os quaes cada dia se vão accentuando mais e mais.

Era realmente promettedora esta benemerita instituição, mas a falta de installações apropriadas paralyçou a principio os seus progressos. Com grande sacrificio levantaram-se novas installações provisórias, mas bastante confortaveis, até que fosse possivel realisar o sonho duma casa modelo, reunindo todas as condições de hygiene, salubridade e commodidade, abrangendo em seu

ambito tudo o que fosse necessario á montagem das officinas projectadas.

Esse sonho é hoje uma consoladora realidade. Foi lançada a primeira pedra desse magnifico edificio a 8 de outubro de 1905, e im-

mensos os donativos que para a sua construcção offereceram os generosos habitantes da Beira, sem distincção de nacionalidade ou religião. E' effectivamente á sua grande benemerencia e generosidade que se deve a rapidez com que foi levantado esse magnifico edificio, um dos melhores da Beira. Está situado na avenida D. Amelia, com a frente para o mar. E' grande, espaçoso, de primeiro andar, com duas magnificas varandas sobrepostas em toda a volta do edificio, offerecendo todas as commodidades que se requerem para uma obra de tal natureza. E' todo de pedra e tijolo, com tecto de zinco.



3 — Banda da Missão da Beira

mensos os donativos que para a sua construcção offereceram os generosos habitantes da Beira, sem distincção de nacionalidade ou religião. E' effectivamente á sua grande benemerencia e generosidade que se deve a rapidez com que foi levantado esse magnifico edificio, um dos melhores da Beira. Está situado na avenida D. Amelia, com a frente para o mar. E' grande, espaçoso, de primeiro andar, com duas magnificas varandas sobrepostas em toda a volta do edificio, offerecendo todas as commodidades que se requerem para uma obra de tal natureza. E' todo de pedra e tijolo, com tecto de zinco.

A sua inauguração foi feita pelo malogrado principe D. Luiz Philippe, por occasião da sua viagem ás nossas colonias africanas.

Os progressos dessa instituição e os benemeritos serviços que da mesma tem resultado a favor dos indigenas, que o digam os illustres beirenses, por cujo favor e dedicação ella tem progredido tanto.

Na missão de S. José do Mongué foi igualmente instituido um internato de caracter particularmente agricola, sendo-lhe ao mesmo tempo subministrados os conhecimentos intellectuaes e moraes indispensaveis a qualquer cidadão. Os seus progressos, porém, não tem podido ser tão avantajados como os da Escola da Beira,

## 5 Batuque

Uma das manifestações mais características da vida indigena é incontestavelmente o *batuque*, sempre o mesmo entre todos os povos *bantu*.

*Batuque* chama-se ordinariamente a um instrumento de musica cafreal, indispensavel em qualquer representação, e que não é outra coisa que um tronco de madeira cavado por dentro, em forma de gral, dum metro a metro e meio de altura, por uns 30 a 40 centímetros de diametro, tapado na boca com uma pelle de boi, muito bem amarrada exteriormente e bem retezada. Tangendo esta pelle, á maneira de bombo, por meio de duas grossas baquetas feitas de gomma de borracha (*Landolphia*), produz um som cavernoso horrivel, como se um prolongado trovão repercutisse estrondosamente, durante horas, no interior das selvas. Esta musica é muito do

agrado dos pretos, e é rara a noite em que o fundo das florestas não gema medonhamente sob as gigantes vibrações desse espantoso sussurro!

Batuque, mais propriamente, são as danças e can-



12 — Batuque

ções indígenas, já ellas se realizem com toda a solemnidade, em que entre todo o povo e as auctoridades indígenas, ou tome uma feição especial de desaggravo, por occasião dalguma secca, já se desenrolem parcialmente em cada povoação ou no seio de cada familia. E' neste sentido que tomamos a palavra *batuque*, de que ha uma extrema variedade, não só porque se distinguem entre si aquelles cujos motivos são diversos, senão porque o povo o reveste das mais variadas formas, o pulverisa, para assim dizer, em milhares de representações distinctas umas das outras. Entretanto ha quatro especies principaes de batuque, conforme o genero de pessoas que nelle podem tomar parte. São estes: *Marongolu*, ou dança de homens de todas as idades; *Inghinba*, ou dança das mulheres adultas; *Massessa* ou dança das donzellas; *Xilembe* ou dança de todos os sexos e idades.

Ha representações que só podem ser executadas por homens, como são por exemplo, as guerreiras, e nesse caso a dança toma o nome de *Marongolu*. Mas este rigor só se observa nas grandes solemnidades, que podiamos chamar officiaes, pois ordinariamente ou preferem as duas ultimas, *Massessa* ou *Xilembe*, ou não tardam a misturá-las todas, porque a juventude não soffre de bom grado aquelle exclusivismo.

O indígena, por via de regra, está sempre satisfeito, sempre alegre e contente, sem aspirações importunas e insaciaveis que o atormentem dia e noite, pois a sua unica aspiração bem definida é a paz e o ocio, a satisfação das duas necessidades organicas indispensaveis á conservação do individuo e da especie, coisas de que elle disfructa largamente no remanso das selvas. Eterna criança, com a mesma volubilidade de sentimentos e vontade, tão depressa lhe pousa nos labios um amuo de despeito infantil, como se esquece logo do passado, para sorrir desanuviado á mais ligeira caricia. Não os punge a tristeza nem as preocupações que ordinariamente nos mortificam, não sentem jámais uma parcella de remorso, não os atormentam os cuidados da vida, o futuro da familia, os abalos sociaes; esqueceram completamente o passado, para elles não ha futuro, e o presente procuram fruí-lo da melhor maneira possivel.

Por isso o preto anda sempre em festa, sempre can-

tando e repetindo milhares de vezes as suas curtas e monotonas canções, e em vez do arco e da flecha, simbolo dos antigos guerreiros, outro arco o acompanha sempre, o *xitende*, transformado em instrumento musico muito do seu agrado, cujo som faz lembrar o do *berimbau*. E' por isso que resoam em todas as quebradas, como nas collinas minhotas, as mais variadas canções, de mistura com o sussurro dos batuques e as vibrações sonoras de mil marimbas, que por entre as florestas seculares se correspondem e cruzam, como os gorgeios das aves na quadra de seus poeticos noivados.

E' preciso viver entre elles, percorrer as suas povoações, surprehendê-los em toda a expansão do seu viver no fundo dos bosques inacessiveis, para ver e sentir



43—Dança popular ordinaria

toda a felicidade que os rodeia, e que nós tão raras vezes experimentamos, enquanto a Providencia vela por elles como pelas avesinhas do ceu. Quando sobretudo podem dispor de boa dose de bebidas excitantes, cuja maior abundancia é nos mezes do milho, do ananaz, da canna doce e

doutras producções cafreaes, então essas danças generalisam-se, esses interminaveis cantares, mil vezes repetidos, alguns verdadeiramente geniaes e encantadores, formam como que um ambiente de harmonia por cima das aldeias e palhotas, reboam pelas collinas e quebradas, por entre as vetustas florestas, como um testemunho perenne da inquebrantavel felicidade que os enche e só elles bem comprehendem! A lua nova é o pregão que annuncia o começo duma festa ininterrupta em todos os sertões, que só affrouxa um pouco nas noites em que ella se não digna apparecer aos filhos das selvas, marcando o seu crescimento vagaroso um *crescendo* gradual nessa grande festa da natureza. A nós não nos impressiona logo agradavelmente esta vida que se respira das florestas virgens. Para que sintamos toda a sua poesia, temos de despojar-nos das nossas preoccupações de homens civilisados, submergir-nos no seio dum naturalismo vago e inervante, e recebermos como em taboa raza as impressões expontaneas da natureza.

Em qualquer aldeia se pode organizar um batuque. Para isto não ha regras fixas, nem tempo determinado, nem forma especial de convocação, nem numero certo de pessoas, nem escolhia de sexos ou idade. Uma ou mais pessoas começam a dançar e cantar, e a attracção especial que este genero de passatempo exerce em todos os selvagens, é o bastante para em poucos momentos fazer crescer a roda. Das povoações visinhas não tarda a apparecer ali muita gente como por encanto. Então entra a dança num periodo de regularidade. Succedem-se as canções, e já se ouvem as sonoras vibrações dos mais variados instrumentos.

Os grandes batuques motivados por qualquer caso de força maior — a morte ou elevação de um regulo, o casamento dum potentado, a festa particular dum

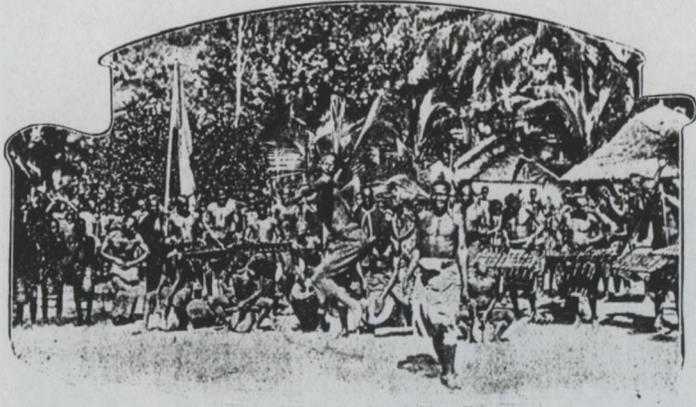


44 — Varios instrumentos empregados no batuque

chefe, as premicias das bebidas cafreas, etc., etc., — esses tem convocação especial do regulo ou chefe, que designa o genero de batuque que se ha de realizar, os instrumentos que nelle farão parte, e outras circumstancias, para os quaes ha ensaios ás vezes muito demorados e difficeis, que chegam a levar mezes. Nestes entra grande variedade de instrumentos musicos, alguns originalissimos e muito interessantes. Vejamos os principaes.

O mais notavel, pela variedade e harmonia de sons e pelo papel que desempenha nos grandes batuques, é a *marimba (imbila)*, de que ha varias especies segundo a escala de que se compõem e o genero de sons que emittem. Tomaremos por typo a que é mais usada entre elles. Compõe-se de 12 teclas dispostas como as dum

tem umas vergas de ferro, espalmadas, e delgadas, de comprimento de um palmo, temperadas no fogo de tal maneira, que cada uma tem sua voz diferente. Estas vergas são nove sómente, e todas estão postas em carreira, e chegadas umas ás outras, pregadas com as pontas em um pau, como em cavallete de viola, e dali se vão dobrando sobre um vão que tem o mesmo pau ao modo de uma escudella, sobre o qual ficam as outras



46 — *Marungolo* acompanhado de cinco marimbas e outros instrumentos

pontas no ar. Este tangem os cafres, tocando-lhe nestas pontas que tem no ar, com as unhas dos dedos polegares, que para isso trazem crescidas e compridas; e tão ligeiramente as tocam, como faz um bom tangedor de tecla em um cravo. De modo que sacudindo-se os ferros e dando as pancadas em vão sobre a bocca da escudella ao modo de berimbau, fazem todos juntos uma harmonia de branda e suave musica de todas as vozes mui concertadas. Este instrumento é muito mais musico que o outro dos cabaços, mas não sôa tanto e tange-se ordinariamente na casa onde está o rei, porque é mais brando e faz mui pouco estrondo.» <sup>(1)</sup>

Este instrumento nunca o vi na região de Gaza, mas é muito usado de Sofala para o norte. Entretanto indi-

(1) *Et. Oriental.* Id. id.

genas de Sofala e Chiloane me asseguraram que elle é originario dos povos do sul. Compõe-se ás vezes de tres ordens de quinze a vinte teclas ao todo, prestando-se a grande variedade de combinações musicaes. Os pretos, comtudo, limitam-se a alguns acordes sómente e harmonias pouco variadas, repetidas vezes sem conta.

Segundo Fétis a marimba foi levada para Africa no seculo xvii pelos portuguezes, que a trouxeram do Oriente, não sendo por conseguinte originaria do continente negro. E acrescenta Ernesto Vieira, no seu Dicionario Musical, que possuem identicos instrumentos os povos de Malaca, Java e Çamatra, e que em todos os paizes orientaes visitados pelos portuguezes são numerosos os instrumentos de laminas que se percutem com baquetas.

O mais caracteristico *instrumental* dos pretos é o que elles chamam *ximbréka*. Compõe-se de 20 a 25 instrumentos diversos, tocado cada qual por um personagem distincto. Cada instrumento chama-se *inhdnéba*, e não é outra coisa que um simples canudo de canna. Cada canudo tem o seu tamanho bem medido e calculado, de modo a produzir uma nota determinada da escala musical. Assim o conjunto reproduz perfeitamente mais duma gama completa. A sua execução é originalissima e muito interessante, requer longos ensaios, muita pratica e attenção. Ao executar uma peça qualquer, cada individuo tem o seu canudo applicado aos labios, e só o toca no ponto preciso em que houver uma nota correspondente á que o seu instrumento pode reproduzir. Com alguns ensaios e um pouco de attenção, os pretos reproduzem assim varias peças com grande rapidez e afinação. O effeito musical é pouco agradável, muito monotono pela repetição constante de peças pequenissimas, mas a sua execução é certamente uma das mais caracteristicas e interessantes.

Nos batuques a valer esta musica é acompanhada de dança, tambem muito particular, executada pelos mesmos musicos, da maneira seguinte: collocam-se todos em circulo, quasi encostados uns aos outros, com um dos lados voltados para o centro, quasi sempre occupado por uma arvore, ou por um simples varapau espetado na terra. Começam então a andar á roda, atraz uns dos outros, executando com as pernas e pés certos

Este simulacro duma grande acção biblica, com todas as suas particularidades tão bem combinadas e peças de musica adaptadas, executado com uma perfeição fora de toda a expectativa, parecia transportar-me á realidade, fazendo-me assistir a um combate gigantesco de selvagens indomaveis! Deviam ser assim as suas batalhas passadas!

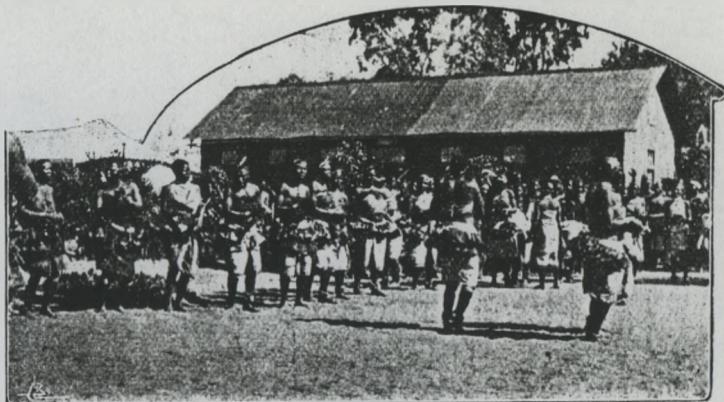
No meio do immenso esforço desta peleja simulada alguns cahiam para o lado, nos pequenissimos intervallos que lhes deixavam livres, prostrados e sem forças, resfolegando como cavallos depois de impetuoso e demorado galope, cobertos de suor e pó. De repente levantavam-se, tomavam seu posto e continuavam com novo ardor. Havia momentos em que todos paravam repentinamente por espaço de alguns minutos, correndo logo as mulheres a limpar-lhes o suor e a dar-lhes de beber. Por duas ou tres vezes, durante o curso da dança, houve um pequeno intervallo de dous ou tres minutos em que duas velhas entravam na arena a executar uma dança particular, e que provavelmente fazia parte da representação. Era notavel por terem os guerreiros neste momento de se voltar de lado, e a cara para fora, de modo que não podessem presenciar a dança das mulheres; e quando algum atrevido procurava observá-las, iam logo outras voltar-lhe a cabeça com as mãos, sendo logo obedecidas e applaudidas pelos espectadores.

No fim deste primeiro acto sentaram-se todos a descansar, e todos os personagens que entraram em scena foram excitar e adquirir novas forças com uma boa porção de *vinho colonial*.

Entretanto outro grupo começava uma nova dança. Refiro-me á que descrevi mais atraz, a *ximbréka*, executada por jovens de ambos os sexos, e que não levou mais de meia hora.

A seguir começou outra dança, a *massessa*, (fig. 48) em que entravam só donzellas. Para ella vinham já preparadas com seus melhores pannos e adornos vistosos; grandes fiadas de missanga de cores variagadas, braceletes, penteados caprichosos, etc., etc., e sobretudo uns pannos frisados em forma de leque, de 35 a 40 centímetros de largura, presos á cinta á maneira de saia, objecto absolutamente indispensavel ao genero da dança que deviam executar, e que é dos mais característicos e usados pelo

bello sexo dessas regiões. Consiste em movimentos rítmicos e combinados das pernas, braços e ventre, tudo ao mesmo tempo, com rapidez, ás vezes com uma especie de furia de bacchantes. Ficamos então espantados da extrema flexibilidade daquelles membros, sobretudo do ventre e peitos, que ellas deslocam tão bem como nós as mãos ou os pés, e com uma rapidez vertiginosa, tudo acompanhado de cantos característicos, de palmas, de esgares medonhos. E' a esta gymnastica difficil que chamam ordinariamente *dança de ventre*, a qual é muito querida da maior parte dos colonos e de todos os indigenas.



48 — *Massessa* executada em Lourenço Marques perante D. Luiz Philippe

Como as nossas danças, as dos pretos são extremamente variadas, não só quando revestem um caracter de solemnidade, senão em todas as pequenas representações que fazem nas suas aldeias e palhotas sem prévias convocações ou convites. Destas, uma das mais usadas, consiste numa roda de pretos de todos os sexos e idades, que ao som de uma canção qualquer mais popular, vão batendo palmas com certa harmonia e sapateando constantemente no mesmo sitio seguindo pouco mais ou menos o mesmo rytmo. Só um dos dançantes sac da roda, em saltos compassados, até ao meio do circulo, e, depois de certos movimentos cadenciados, segue até á parte opposta, pára em frente de um dos da roda, onde continuam ambos os mesmos movimentos.

Depois batem ambos com o pé no chão, seguindo o primeiro para o seu logar e entrando o segundo na arena, sempre com os mesmos movimentos, e repetindo-se estas manobras indefinidamente.

Os povos que melhor executam toda a casta de representações são os de Zavala e são elles que tomam sempre a parte principal nos grandes batuques que se fazem em Lourenço Marques e noutras cidades, onde se juntam muitos milhares de indigenas todos enfeitados e armados de escudos e azagaias, arcos e frechas, como se realmente fossem dar um grande combate. Ficaram memoraveis os grandes batuques celebrados em Lourenço Marques por occasião das visitas do nosso malogrado principe D. Luiz Philippe e dos Duques de Conaught, em que os de Zavala abriram a festa pela execução do nosso hymno nacional, tocado por mil marimbas e outros instrumentos cafreaes, coisa realmente para se ouvir e dum effeito deslumbrador. A estes dois batuques, nos quaes se gastaram dezenas de contos, concorreram muitos milhares de pretos de todos os districtos da provincia de Moçambique, acompanhados dos seus regulos e chefes.

Fora destes batuques solemnes e de certa responsabilidade, ha uma grande variedade de outros batuques, danças e cantigas populares que bastante analogia tem com as valsas, danças e fados das nossas aldeias e que nas ruas se executam á vontade entre os diversos grupos que para isso se juntam, ao som das primeiras coplas e do bater das palmas que, a compasso, acompanham sempre essas manifestações de alegria. Canções amorosas, mais ou menos expressivas, igualmente cantadas pelos dois bandos, são o thema eterno de seus cantares. Eis uma ao acaso:

Sitiniua kuá iua,  
\*kobo (1) loku muka manghe;  
Suka Chai-Chai Çu-Marika (2)

que em portuguez se pode verter assim:

(1) V. nota da pag. 85

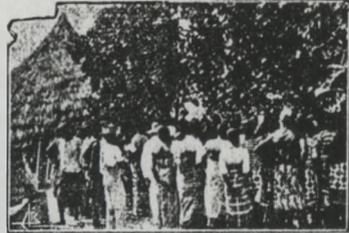
(2) Çu-Marika, corrupção de Lourenço Marques.

Desprezado  
 Pela minha amada,  
 Buscarei  
 Outra patria ao longe;  
 Anda, foge!  
 Foge para Chai-Chai  
 Para Lourenço Marques!

Vinte, trinta, cem vezes, e mais ainda, repetem elles estas e outras canções, sempre com novo entusiasmo, dançando e batendo as palmas a compasso, já a coros, já a vozes, ora num tom alegre, jovial e esperançoso, ora plangente e triste, conforme a indole da canção.

As canções guerreiras sobretudo são dum effeito surpreendente. Elles sabem como ninguem traduzir ao vivo o sentimento do furor bellico, que os devia animar nas suas luctas passadas, em gestos, em manobras estudadas, em sons harmoniosos, suaves, umas vezes, horridos, terriveis, rapidos e selvagens como suas investidas, tirados por mil marimbas e outros instrumentos, que imitam o rugir das feras ou o embate dessas hordas chocando-se num impeto de destruição e morte! Nessas os cantos são raros e respiram sangue; tecem os louvores dum chefe, dum patriarcha afastado, ou annunciam hecatombes de inimigos e a preza de seus despojos! O que, porém, mais resôa no meio das selvas, acompanhando as danças guerreiras, são sons gutturaes, urros prolongados e cavernosos, a imitação do echoque de milhares de inimigos sedentos de sangue e rapina.

Fora disso canta-se o amor, o amor livre, sobretudo, (como livres são os filhos das selvas), esse delirio da vida que os traz esquecidos de tudo o que não seja fruil-a quanto é dado a quem desconhece inteiramente as convenções sociaes, a quem não tem jámais outras preocupações que as do momento presente; eis o objecto de seus cantos, de suas danças improvisadas em toda a parte. Os velhos e os jovens, os casados e os impuberes, confundem-se todos nessas expansões incons-



49— Xilembe ou dança de todos os sexos e idades